

O que faz ser paulista?

O Que Faz Ser Nordestino?

PENNA, Maura.

São Paulo: Cortez, 1992.

A obra de Maura Penna é uma adaptação para livro da dissertação que lhe valeu o título de Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba e Menção Honrosa no VII Concurso Brasileiro de Teses Universitárias da ANPOCS. A autora examina os diversos conteúdos atribuídos ao termo identidade, tanto pelo senso comum dos atores sociais - jornalistas, políticos e público em geral - como por diversas correntes teóricas, para logo explorar os discursos que, enunciados sobre o que denomina de "escândalo Erundina", enfocam a figura da ex-prefeita de São Paulo sob o prisma da identidade nordestina.

A escrita de bom nível, a organização do texto impecável e criativa e a coleta de materiais jornalísticos de grande interesse para quem queira ter acesso a verdadeiros documentos sobre a maneira como o paulista da última década deste século constrói idealmente o seu lugar e a sua relação com a nação brasileira, fazem com que o livro estimule o leitor a não se contentar com os limites que a autora lhe impôs e se lance a pensar mais, a pedir mais. Centrarei esta minha pedida de leitora cobiçosa em três curiosidades que persistiram após a leitura do texto e que, reconheço, excedem os limites da proposta explícita da autora: 1) a vida de Erundina, 2) a mulher Erundina e 3) quem é o paulista.

1. A vida de Erundina

Já nas páginas finais, Maura Penna reconhece que o recorte por ela escolhido privilegia o que chama de "alter-atribuição, em detrimento das formas de auto-reconhecimento", ou seja, o papel de Erundina "como referente" sobre o qual se projetam os diversos discursos examinados. De fato, a autora se mantém, durante toda a sua análise, fiel e consistente com essa escolha. Fidelidade e consistência que, por outro lado, são caracte-

terísticas do exercício acadêmico bem comportado. Então, passamos pelo exame da noção de região e, logo, de região nordestina; passamos pela desconstrução das bases de sustentação da categoria que une as pessoas que partilham da sua suposta essência; e passamos por uma exploração minuciosa dos discursos que tentam imputar a Erundina uma identidade político-partidária, de gênero, de classe e, sobretudo, regional.

Mas o leitor já nascido com uma natureza inconformada descobre, por último, que todo esse cuidado e trabalhoso exercício leva não mais do que a uma revisão teórica da noção de identidade e à proposta de substituí-la pelo conceito de "semelhança", por ser mais eficiente para dar conta da flexibilidade da operação de identificação. A mensagem, então, é: tudo pode continuar como está, desde que o chamemos de outra maneira, que lhe coloquemos um nome mais preciso. Tudo o que foi muito bem listado no decorrer do texto - "nordestino" funciona como termo de acusação; a marca de região existe, embora não seja essência; o pobre é excluído dos quadros oficiais da política brasileira, etc. - fica por isso mesmo. O mundo é assim, pois assim é concebido e prescrito pelos discursos que o criam e recriam; nosso papel é desconstruir esses discursos para identificar sobre que pressupostos estão montados.

Para compensar este projeto um tanto inócuo, pergunto-me, não seria um toque de ar fresco, uma dádiva de emoção e de necessário e revolucionário otimismo, incorrer na ruptura desse coeso e bem comportado exercício acadêmico e, num capítulo gratificante para o leitor, dar a palavra a Erundina para contar seus feitos, narrar, de alguma forma, a sua vida? Por que a autora perdeu esta oportunidade de entrevistar a sua heroína e dar-lhe voz, registrando algum tipo de discurso autobiográfico mais detalhado do que os curtos trechos de falas suas que são citados? Qual é o reverso desta moeda da "alter-atribuição"? Justamente, no contraste e à luz do repertório dos discursos enumerados e examinados, o leitor gostaria agora de saber o que enunciaria esta mulher, ao

ser interrogada por Maura Penna, sobre o seu Nordeste, sobre a sua São Paulo, sobre a sua pobreza, sobre sua vocação religiosa, sobre sua vocação política e sobre sua vocação profissional. Como passou por todos eles e o que de cada um deles reteve para si na construção da sua imagem e da sua pessoa. Só assim deixaríamos em aberto a trama dos discursos que, de acordo com o livro, sobre ela parecem fechar-se inexoravelmente; só assim devolveríamos a Erundina a margem de liberdade que, de fato, ela tem em relação a eles.

2. A mulher Erundina

Sobretudo, e mesmo por estar falando da tribuna de uma publicação feminista, gostaria de saber mais sobre como Erundina constrói discursivamente a sua forma particular de feminilidade, como trata -discursivamente sempre, já que, no paradigma da autora, além disto não é possível ir - a parcela de sua humanidade que é mulher. Aliás, parcela que constitui atributo indelével dessa humanidade, pelo que não posso deixar de anotar aqui o meu desapontamento com o título do livro, que definitivamente deveria ser "o que faz ser nordestina".

Mesmo os discursos considerados no texto que, ao uso da identidade de nordestina como forma de acusação, acrescentam-lhe os atributos de mulher feia, brega, pouco elegante e, até, pouco feminina, não obtêm o espaço que me parecem merecer. Eles são mencionados mas, na verdade, seu sentido só se veria determinado e relevado se contrastados com discursos cujo referente fossem homens que, em iguais circunstâncias - pobreza, falta de elegância e nordestinidade - alcançaram posições de destaque na política. Assim, seríamos capazes de apreciar o que há de específico num discurso sobre o feminino, e de esclarecer-nos a este respeito.

3. Quem é o paulista?

Finalmente, uma última pedida, uma verdadeira reviravolta nos pressupostos da análise ou, mais exatamente, a descoberta de um discurso que permaneceu invisível e, por alguma razão que mereceria ser investigada, inacessível ao rigor do exame da autora. Se as falas analisadas parecem ser

sobre o nordestino, este é só o nível referencial delas. Em sombras permanece o sentido indêxico das mesmas, a auto-referência implícita do falante: o que afirma o paulista sobre si mesmo quando fala do nordestino? O que diz sobre si mesmo quando discute uma perfeita "nordestina"?

Não tenho dúvida de que a autora alcançaria uma verdadeira eficácia crítica se desmontasse os discursos que constroem as certezas de ser paulista, se ela dedicasse um pouco de sua munção analítica à discussão do que seja São Paulo também enquanto construção discursiva, tão construída e tão arbitrária como a do próprio Nordeste com seus nordestinos. Se lá não há essência, cá também não há. Se lá as fronteiras são ideológicas e construídas por interesses historicamente determinados, aqui também o são. Isto, embora implícito, deve ser trazido à luz. Somente assim seremos, uma vez mais, capazes de fugir do aparente fechamento dos discursos, da sua autoridade aparentemente inescapável; só assim destinos absolutos podem ser transformados em sortes relativas.

Finalmente, não posso deixar de mencionar que, tendo já a leitura bastante avançada, comecei a perceber que por trás das suas linhas se perfilava a figura de um bom professor orientador, um orientador assíduo, próximo e minucioso - quem é professor sabe como estes processos se dão. Sendo assim, dei falta de qualquer menção, por parte da autora, desse personagem oculto e, contudo, presente nas entrelinhas. Passei então a procurar o reconhecimento de Maura Penna para com essa pessoa e só achei um sumário "a todos que...deram sua ajuda". Perguntei então, a vários colegas, se sabiam algo sobre a produção deste bom trabalho de tese na Paraíba, à parte da orientação providenciada pelo professor Foot Hardman, da UNICAMP, e anunciada por ele mesmo no prólogo que assina. A resposta veio e se reiterou: Lourdes Bandeira o orientou, no dia a dia. Permita-se-me, então, ainda como parte legítima desta resenha, recomendar à autora que, em suas futuras obras, não esqueça dos nomes daqueles que generosamente doaram tempo e imaginação criadora, contribuindo com seu projeto intelectual.

RITA LAURA SEGATO ■